

# O Corolário da Livre Iniciativa

25. IX. 1950

Memorável lição acaba de dar o ministro da Agricultura do Canadá, que é plantador de trigo. Tendo os seus colegas de triticultura perdido as plantações por ação das geadas, e havendo eles solicitado ajuda financeira ao Governo, responderam-lhes o ministro que a livre iniciativa implica o livre risco.

É esta uma verdade elementar, que a tendência moderna para a intervenção do poder público na economia tem feito perder de vista. Como pretender, com efeito, que o Estado partilhe os prejuízos do empresário, se com ele não partilha os lucros? Livre será a iniciativa para ganhar, e não para perder? Claro é que não: uma cousa é contrapartida da outra. Não têm direito de embolsar lucros quem não arca com prejuízos.

Acertada e oportuna é, pois, a lição que o ministro da Agricultura do Canadá acaba de dar

aos plantadores de trigo do seu país. E, para nós, mais que oportuna: necessária.

Com efeito, desde o famoso reajustamento econômico, realizado durante a primeira ditadura do sr. Getúlio Vargas, temos utilizado o condenável sistema de favorecer alguns em detrimento de muitos, de fazer pagar por todos, neles incluídos os pobres, os prejuízos, reais ou supostos, sofridos por alguns empresários. Pior ainda do que isto: tem-se invertido a boa regra, que seria fazer os ricos pagar pelos pobres, fazendo os pobres pagar por alguns ricos.

Aprendamos, pois, a lição de James Gardiner e lembremos sempre — lembremos principalmente aos nossos governantes — que a livre iniciativa implica necessariamente o livre risco. Se o Estado há-de arcar com os prejuízos, nenhum motivo haverá, também, para que não embolse os lucros da empresa privada. Não há meio termo: ou socialização, ou, empresa livre.